

A “Escola Itinerante Pés na Estrada”: espaço educativo na Marcha Nacional pela Reforma Agrária

Cristine Lima Pires*

Resumo

Este artigo discute a educação dos sem-terra no contexto da Marcha Nacional pela Reforma Agrária. Buscou-se acompanhar o trajeto da marcha, registrar a dinâmica educativa não-formal, descrevendo seus passos e a prática pedagógica, analisando algumas possibilidades de educação e aprendizagem, bem como estratégias utilizadas no processo. Conclui-se que ações educativas, como essas, são fundamentais e viabilizam a invenção de novas formas de sociabilidade, sendo as práticas educativas, desencadeadoras da formação humana que prioriza a solidariedade, a valorização pela vida, enfim, formas sociais que constituem um exercício de educação para a consciência crítica e emancipatória.

Palavras-chave: Escola Itinerante, MST, Formação humana, Educação Emancipatória.

The itinerant school feet on the road: educational space in national march for agrarian reform

Abstract

This article discusses the education of non-land child in the National March for Agrarian Reform. We tried to follow the path of march, recording the dynamic non-formal education, describing your steps and pedagogical practice, examining some opportunities for education and learning, and strategies used in the process. It follows that education, as these are fundamental and make the invention of new forms of sociability, and the educational practices, development of the training that gives priority to human solidarity, appreciation for life, finally, social forms that constitute an exercise of education for critical consciousness and emancipatory.

Key words: Itinerant School, MST, Human training, Emancipatory education.



* **CRISTINE LIMA PIRES** é Doutoranda em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), integrante do grupo de pesquisa História da Cultura Corporal Educação, Lazer e Sociedade (HCEL), coordenadora do curso de extensão Diálogos em Imagens: interações educacionais na UFBA; Professora efetiva da rede Estadual de Educação da Bahia. Pesquisa os seguintes temas: Análise e produção imagética, cultura popular e educação emancipatória.



Imagens e arte da autora

Introdução

A temática abordada neste artigo é decorrência de um trabalho de pesquisa junto ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), buscando compreender os espaços educativos não-formais que permeiam a dinâmica do Movimento. Descrevemos e analisamos a vivência na “Escola Itinerante Pés na Estrada” que foi criada e acompanhou a Marcha Nacional pela Reforma Agrária, e buscando apontar os elementos que considero essenciais para a formação dos Sem Terrinha nesta mobilização itinerante. O Movimento

dos Trabalhadores Rurais Sem Terra é o principal movimento social que luta pela terra desde a década de 1980, adotou a estratégia de ocupar latifúndio como forma de pressionar o governo a colocar em pauta a reforma agrária no Brasil. O MST se envolve numa série de lutas que são indissociáveis na conquista pelos direitos fundamentais para qualquer cidadão, a educação é uma delas.

[...] as práticas educativas escolares e não-escolares sempre estiveram presentes, porém, ao longo do processo, o MST foi acumulando

novas experiências e demandas, e assim sofreu modificações, quantitativa e qualitativamente. De início como educação popular na organização dos grupos de sem-terra, e posteriormente nos acampamentos e assentamentos em formas diversas, nas assembleias, nas reuniões gerais, nas audiências com autoridades, nas inúmeras maneiras de organização e lutas sociais desenvolvidas. Num segundo momento o MST buscou o acesso à educação escolar como instrumento para contribuir na qualificação da luta pela terra e pelo projeto histórico socialista. (ARAUJO, 2007, p.302).

No decorrer das primeiras ocupações, os sem-terra constataram que a educação deveria ser também uma prioridade. Seria fundamental dominar o conhecimento socialmente produzido para que pudessem se relacionar com as instituições que concretizariam as legalizações da terra e financiamentos para a construção do assentamento. Nessa perspectiva, a educação tornou-se uma meta do Movimento inseparável das ações de luta pela terra. Stédile deixa bem claro ao afirmar que:

Apenas a luta pela terra não transforma o sujeito em cidadão, se nós também não tivermos acesso à educação. É por isso que nós do movimento Sem Terra compreendemos que existe um casamento necessário entre a conquista da terra e a conquista da educação. (STÉDILE apud Caldart, 1997).

O processo é lento, construído passo a passo, não havendo linearidade, mas a essência das práticas pedagógicas e do conteúdo básico estabelecido que privilegie as questões significativas para o MST sempre estão presentes em cada espaço de formação, seja a escola formal, os cursos não-formais, ou

mesmo a formação oral, presente em todos os espaços de mobilização do Movimento. A marcha é um desses espaços.

Na gênese do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, a marcha se fez presente, como uma forma de mobilização para chamar a atenção do Estado e da sociedade sobre a necessidade de reforma agrária no Brasil. Anualmente, o MST organiza os trabalhadores rurais sem-terra acampados e assentados e, unindo-se a outros movimentos que lutam pela terra, realizam uma marcha.

Em maio de 2005 a marcha foi organizada nacionalmente, teve a duração de dezoito dias e fez o trajeto de Goiânia a Brasília na BR. 060. Intitulada Marcha Nacional pela Reforma Agrária foi organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Comissão Pastoral da Terra (CPT), Via Campesina e Grito dos Excluídos. Outros movimentos também fizeram parte da marcha, como o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), o Movimento dos Trabalhadores Desempregados (MTD), o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), o Movimento pela Estatização de Fábricas Ocupadas, pelo Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), pelo Centro de Mídia Independente (CMI), pela Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), além de representantes de sindicatos, jornalistas, vídeos-documentaristas, fotógrafos, representantes de instituições internacionais, e pesquisadores.

Na Marcha, como é comum em toda mobilização do MST, o trabalho foi dividido por várias equipes e contou com a participação direta de diversos militantes no sentido de organizar as fainas e responsabilidades diárias.

Segundo o caderno do setor de formação do MST (2005b), a organização interna do Movimento se dá de uma forma singular que foi aprimorando com as experiências de vinte e quatro anos de atuação. João deixa claro no seu depoimento a Aline Sasahara:

No acampamento todas as pessoas são distribuídas no grupo de dez famílias e tem uma atividade, então todos dentro do acampamento estão envolvidos em uma atividade, isso é a organicidade. Uns estão na disciplina, outros no lazer, na educação, saúde comunicação, formação, frente de massa. Um exemplo claro para nos é a marcha, o pessoal já tem essa dinâmica de se organizar, o pessoal vem com uma tranquilidade, uma compreensão de que tem uma tarefa a assumir, então gradativamente cada um vai fazendo a sua parte e dá é coisa bonita que nos vemos aí. (ERGUE a tua voz, 2007)

A Ciranda Infantil e a Escola Itinerante são espaços organizados para que as crianças também possam participar das mobilizações. Nesses espaços educativos as crianças brincam, jogam e se divertem e aprendem a cultivar os valores, os símbolos, enfim, a mística do MST. Dessa forma, enquanto os pais estão nas mobilizações, nas palestras, as crianças estão envolvidas nas atividades pedagógicas, discutindo e debatendo, dentro do seu nível de compreensão, as reivindicações que os seus pais fazem na luta do movimento.

A Ciranda e a Escola Itinerante Pés na Estrada

Escolinha Itinerante
Pés na Estrada
Sem-terrinha estudando
nessa caminhada.¹

A Escola Itinerante é uma experiência gestada no MST com o intuito de possibilitar a educação das crianças e adolescentes nos locais onde residem, os acampamentos do MST.

Em 1996, o Rio Grande do Sul foi o primeiro estado a apoiar tal iniciativa e as aulas, ministradas nos acampamentos, passaram a ter o amparo legal garantindo aos educandos a continuidade dos estudos em qualquer lugar onde ocorressem. Os estudantes são matriculados numa escola-base, e participam das aulas em seu acampamento. A experiência gaúcha se espalhou por diversos estados do Brasil e foi premiada com o Prêmio Educação, do Sindicato dos Professores do Rio Grande do Sul. (GILLES, 2005).

Segundo o MST, as aulas da Escola Itinerante acontecem em todos os lugares. Respeitando a itinerância do acampamento ou das marchas, os educadores são preparados para as atividades nas situações mais adversas “o que os provoca à criatividade e espírito de sacrifício, pois nem sempre as condições são dadas para o desenvolvimento das aulas” (2004, p. 42).

A Ciranda é um espaço educativo organizado em mobilizações, e todos os encontros onde estiverem crianças menores de seis anos. Nesse espaço receberão atenção enquanto seus pais estão integrados a alguma atividade do Movimento.

¹ Palavras de ordem proferidas na Escola Itinerante Pés na Estrada, 2005.

Em períodos diferentes, acompanhamos a Ciranda e a Escola Itinerante Pés na Estrada durante a Marcha. Logo nos primeiros dias da marcha aproximamos-nos, mas percebemos que ainda estavam organizando o trabalho pedagógico. Apesar dos grupos já estarem separados por faixa etária, o local ainda não era o mais apropriado. Na segunda vez que nos aproximamos, combinamos, anteriormente, que acompanharíamos a Ciranda na saída. Logo que chegamos, o ônibus já estava cheio de crianças e de alguns educadores. Apesar da escuridão, elas estavam felizes, brincavam e conversavam, e quando alguém puxava uma música, elas cantavam alegremente. Os bebês ficavam no colo de algum educador ou mesmo da mãe, que se dispunha a cuidar de outras crianças, além do seu filho. Quando a marcha deu a partida, já amanhecia, só então o ônibus da Ciranda tomava o seu rumo para o local cedido para tal finalidade. A educadora Domingas puxava uma música de sua autoria, e as crianças respondiam em voz alta.

A música é um importante elemento educativo utilizado pelo MST em mobilizações, encontros. As letras trazem mensagens de resistência, de esperança, de valorização do trabalhador rural. Para Ceres Hadich “Ter nossa própria música é uma questão de soberania cultural para não sermos um povo dependente e dominado por outra cultura” (MST, 2009).

Ao chegarmos ao local, as crianças foram encaminhadas para tomar o café da manhã, e só depois foram se agrupar, por faixa etária, para iniciar as atividades pedagógicas.

Com a ciranda, a possibilidade das mulheres estarem presentes nas mobilizações se concretizou, mas apesar da questão de gênero ser

constantemente debatida dentro do movimento, a cultura machista ainda predomina entre os sem-terra. Porém, Cristina Vargas, coordenadora do setor de educação, explica o avanço do MST nessa questão:

O MST, por ser um movimento social construído por homens e mulheres e seus filhos, sentiu a necessidade de criar um meio para cuidar das crianças e permitir que os espaços de debates sejam ocupados também pelas mulheres. Depois essa lógica mudou, hoje a ciranda não é um espaço somente para cuidar, mas para valorizar e incentivar a participação das crianças na luta (MST, 2005a).

De acordo com o Caderno de Educação do MST (2004), a Ciranda Infantil é um espaço educativo de direito das crianças sem-terra que também são construtoras do Movimento, onde são trabalhados diversos componentes, inclusive a “luta pela dignidade de concretizar a conquista da terra, a reforma agrária, as mudanças sociais” (p.37).

Nessa marcha, segundo relato de vários educadores, ficou estabelecido que não deveriam trazer as crianças, pois seria uma mobilização muito longa na qual elas ficariam expostas ao frio intenso da região, porém devido à impossibilidade dos pais deixarem os seus filhos, decidiram trazê-los, no que resultou um número considerável de meninos e meninas - em torno de cento e quarenta. Os educadores, presentes na marcha, começaram a organizar a Ciranda e a Escola Itinerante. A Ciranda atendeu crianças de até seis anos, e a Escola Itinerante Pés na Estrada, crianças e adolescentes de sete até catorze anos.

Os bebês ficavam na creche acompanhados por educadores. Respeitando-se a composição de um educador para cada dois bebês, ou da

própria mãe que os acompanhava no cuidado de outros bebês. Os pequenos ficavam em espaços fechados e cuidadosamente limpos. Eram colocados colchões no chão onde eles podiam dormir e brincar.

As crianças menores de dois a sete seis anos foram divididas em grupos, por faixa etária, e ocupavam espaços diferentes ao ar livre. As atividades eram diversas: pintura, colagem, recreação, jogos educativos, ciranda.

Aproximamo-nos do grupo de seis anos e observamos que escreviam e desenhavam. Ao indagarmos da educadora Cida sobre o trabalho educativo, obtivemos a seguinte resposta:

Nós estamos realizando, na Escola Itinerante Nacional, um trabalho com as crianças da primeira etapa; estamos trabalhando os objetivos da marcha. Então a gente discutiu com as crianças porque é que a gente está marchando. As crianças colocavam pra gente:

- Ah, nós queremos terra!

Então a gente escrevia a palavra terra, reforma agrária, trabalhava as letras e o sentido, o que é que é reforma agrária. Trabalhamos todos os objetivos da marcha, que a gente quer justiça no campo, explicamos a questão dos créditos, que o pai recebe, ele faz os planos de comprar o gado, comprar ferramenta. Agora nós vamos pintar os pezinhos delas, vamos fazer a marcha no papel, e elas vão escrever aqui que aprenderam no cartaz. É um trabalho de resgate, além da palavra de ordem, das músicas, da marcha, trabalhar o verdadeiro sentido da marcha (PEZINHOS na Estrada, 2006).

As crianças maiores, a partir de oito anos, foram divididas em três grupos, ficaram num espaço educativo mais

formal, com atividades educativas elaboradas, no intuito de esclarecer as questões inerentes à marcha. Elas tiveram aulas expositivas, debates, criação de textos e painéis. O objetivo era que não interrompessem os estudos e aproveitassem essa mobilização para que, além de vivenciarem a marcha, compreendessem o porquê da luta e das reivindicações dos seus pais.

Para a educadora Paula, que trabalhou com o grupo das crianças maiores:

Como a marcha não tinha uma proposta de Escola Itinerante, a gente se propôs, como educador, a estar demonstrando a importância da Escola Itinerante na Marcha. E chegamos com a proposta de continuar as aulas aqui, porque as crianças do nosso acampamento vieram e nós concluímos que seria necessário dar aula na marcha. E estamos fazendo, dentro das possibilidades que nós temos. Precisamos colocar para as crianças qual a importância da marcha, porque nós marchamos, o que isso significa para o movimento sem terra, a distância que a gente percorreu, de onde a gente veio. A gente trabalhou hoje com o mapa, de onde nós saímos, a distância, a localização geográfica, depois registramos esses momentos, discutimos as diferentes regiões as diferentes culturas que estão representadas aqui na escola. (PEZINHOS na Estrada, 2006)

A Escola Itinerante buscava responder às necessidades das crianças de compreenderem a situação que vivenciavam na marcha. Era um espaço apropriado para questionamentos e entendimentos, construções coletivas permitindo que o educando fosse sujeito desse processo.

A rotina da Ciranda e da Escola Itinerante seguiu os horários da marcha. Ao acordarem e se prontarem para

caminhar, as crianças eram conduzidas pelos pais para os ônibus que as levariam para o espaço da Ciranda. No final da manhã, depois de concluídas as atividades, as crianças almoçavam e eram levadas para seus pais no novo acampamento.

Da realidade que vivenciaram, foram incorporados alguns elementos ao conteúdo programático da Escola Itinerante e da Ciranda. Aprendizagens significativas são construídas no processo de vivenciar, explorar didaticamente, analisar o conteúdo e produzir construções, explicações e soluções para o presente. Para Freire, “o momento deste buscar é o que inaugura o diálogo da educação como prática de liberdade. É o momento em que se realiza a investigação do que chamamos de universo temático do povo ou o conjunto de seus temas geradores” (1987, p. 87). A educação do MST tem essa preocupação em todos os níveis, trabalhar a partir da realidade do grupo, para que assim possam explorar os conteúdos da história do tempo presente que, muitas vezes, não se apresentam claros para os educandos. Para o MST:

Consideramos superada, historicamente, aquela visão de que a escola é apenas lugar de conhecimentos teóricos, e que depois, fora dela, é que serão aplicados na prática. Não é esta lógica da educação que pretendemos. Queremos que a prática social dos/das estudantes seja a base do seu processo formativo, seja a matéria prima e o destino da educação que fazemos. (MST, 1999, p.11).

Faz parte dos princípios pedagógicos do MST a relação entre teoria e prática com o intuito de desenvolver, no educando, a capacidade de fazer relação daquilo que aprende na escola com o que vivencia na sua vida.

Segundo Freire, os temas educativos não podem ser soltos da realidade histórica, mas estabelecidos numa relação dialética com outros temas da relação do ser humano com mundo. “Frente a esse ‘universo’ de temas que dialeticamente se contradizem, os homens tomam suas posições também contraditórias, realizando tarefas em favor, uns, da manutenção das estruturas, outros, da mudança” (FREIRE, 1987, p. 93).

É essa a educação que o MST busca: uma formação para os sem-terra, desde a tenra idade, para entenderem o momento histórico e as suas causas sociais, políticas e econômicas que o configuram.

O sistema educacional brasileiro propaga a ideologia do neoliberalismo para que a sociedade seja mera reprodutora desse momento histórico, como se as mudanças não fossem geradas dentro da própria sociedade. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra “gestam”, efetivamente, uma nova forma de educar para a utopia de uma existência mais humana, de uma sociedade socialista aonde valores como a solidariedade, cooperação, respeito à natureza e a diversidade humana sejam cultivados pelos homens.

Segundo o MST, o processo educacional do Movimento busca formar sujeitos que não sejam apenas críticos, que consigam passar da crítica à ação, não deixando de lado a teoria que dão subsídios a essa ação organizada, levando em conta que “a própria ação tem uma dimensão educativa que nenhum estudo teórico pode substituir” (MST, 1999, p. 7).

Na ciranda e na Escola Itinerante o conteúdo programático foi sendo construído a partir das demandas trazidas pelas próprias crianças ao

buscarem compreender aquela situação que vivenciavam, propiciando dessa forma, a participação mais integral na dinâmica da mobilização e, conseqüentemente, assimilando os princípios organizativos, valores e cultura do MST.

Considerações finais

A escola itinerante tem características próprias, pois além de acompanhar as mobilizações e acampamentos apresenta uma organização que busca atender as crianças naquele espaço itinerante e suas especificidades, no intuito de que apreendam os princípios políticos e filosóficos e pedagógicos que norteiam as práticas educativas do MST. Dessa forma, a escola itinerante está gestando um novo modo de “fazer escola”, onde o conhecimento institucionalizado e o saber oriundo da vida transmutam-se em práxis, re-significando o conhecimento científico para que possa ser apreendido e transformado por aqueles que vivenciam a experiência da itinerância educativa do MST.

Uma das principais características dos espaços itinerantes educativos é a superação das adversidades, da própria condição de precariedade enfrentadas pelos sem-terra, tanto nos espaços físicos, como na dificuldade de formação dos educadores. Mesmo com essas intempéries, o conteúdo produzido no cotidiano da luta, instrumentaliza os educadores sem-terra a lidarem com as dificuldades minimizando-as em função de um questão maior e mais concreta: a formação dos sem-terrinhos.

Esse processo de formação humana fornece contribuições para a educação, atestando que o processo de apreensão e construção dos conhecimentos resulta de saberes socialmente construídos e, por vezes, re-significados pelo sujeito, imerso na luta cotidiana. É a vida

latejando e sendo construída a cada passo, é uma nova abordagem cultural que valoriza o enfrentamento, são as condições sub-humanas impostas pelo capitalismo que degrada o ser humano que tende pulverizar-se a fim de que se construa uma nova perspectiva de vida.

O MST nos trás elementos inovadores para o sistema educacional brasileiro, apontando a importância da práxis cotidiana, da interação mundo-educação como ferramenta de apropriação dos conteúdos significativos para a vida escolar. A concepção de educação, a prática pedagógica, a importância da cultura popular para o saber escolar, precisam ser revistas. Faz-se necessário apropriar-se do mundo que nos rodeia, da história forjada no cotidiano como um conteúdo fundamental para compreender a história humana.

Os Sem Terra, que participam do MST, têm como utopia que outra forma de humanizar-se é possível. Suas práticas educativas, mesmo com as contradições inerentes ao processo histórico, mostram sua viabilidade, basta observar como se organizam: os valores e ideais que cultuam; a invenção de novas formas de sociabilidade - o trabalho coletivo e democrático, a solidariedade, a valorização pela vida, a defesa do trabalho e do estudo -, enfim, formas sociais que constituem um exercício de educação para a consciência crítica e emancipatória.

Referências

ARAÚJO, Maria Nalva Rodrigues de. **As Contradições e as Possibilidades de Construção de uma Educação Emancipatória no Contexto da Luta pela Terra**. 333f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2007.

CALDART, Roseli. **Educação em Movimento**. Formação de Educadores e Educadoras no MST. Petrópolis: Vozes, 1997.

ERGUE a tua voz. MST. Aline Sasahara. São Paulo: 2006. DVD. (45'), son., color. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GILLES, Dom Xavier. **Terrorismo cultural no Rio Grande do Sul**: fechamento de escolas em Acampamentos. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=6309>>. Acesso em: 5 mar. 2009.

MST. **Educação no MST Balanço 20 anos**. Boletim de educação. Nº 9 São Paulo: 2004

_____. **Princípios da Educação no MST**. Caderno de Educação nº 8. Secretaria Nacional do MST. São Paulo: 1999

_____. **Marcha Nacional pela Reforma Agrária**. Max Print editora. São Paulo: 2005b.

_____. **MST lança CD de música sobre a agroecologia**. 2009. Disponível em:

<<http://www.mst.org.br/node/6956>>. Acesso em: 15 jul. 2009.

_____. **Crianças em Movimento**. 2005^a. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=2040>> acesso em: 10 out. 2008.

PEZINHOS na Estrada. Salvador. Cristine Torres. Em Movimento Produções. 2006. DVD: (14'), son., color.